

## Os deportados e a moral dos que deportam

Da Guiné escrevem-nos alguns deportados comunicando-nos a insensata ideia que teve Joaquim António Pereira, deportado também, em pedir ao governo da metrópole a realização do seu julgamento naquela colónia. Os que nos prestam esta informação, os restantes deportados, pretendem por nosso intermédio fazer constar que discordam do estranho pedido do seu companheiro e desejam ser julgados, sim, mas em Lisboa, em tribunais regulares, regalia a que têm direito como qualquer cidadão português.

Em Portugal, porém, só o arbítrio vinga. As leis são bonitas, os princípios exarados na Constituição sedutores, as palavras dos oradores republicanos prometedoras. Mas tudo isso é espuma, é doce canção para embalar seis milhões de iludidos. Rasgam-se as leis, fecham-se os tribunais e executa-se sumariamente os acusados, sem curar primeiro de apurar as suas responsabilidades.

Acusaram-se várias criaturas de pertencermos à chamada Legião Vermelha. Uns, foram mortos a tiro, com a alegação de fugas que, afinal, não se realizaram, outros foram arremessados, sem mais explicações, para a Guiné e Cabo Verde, outros ainda, aguardam sem esperança, no Forte de Monsanto, um hipotético julgamento.

Cometidas estas violências pelo poder, pelas autoridades, pela polícia onde figuram cavalheiros como o cadastrado «xefe» Xavier, que vive da batota e pedia dinheiro a alguns daqueles que depois prendeu e deportou como «legionários», fica toda a gente descansada, dorme todo o mundo tranqüilo, como se o maior acto de benevolência e humanidade se tivesse praticado.

Ora, nós não queremos lembrar aqui, nem está nas nossas atribuições de jornalistas, que indivíduos que incitaram, como o «xefe» Xavier incitou, alguns homens à prática do atentado condenável contra o tenente-coronel Ferreira do Amaral, merecem mais estar na Guiné do que muitos inocentes que por lá estoíam de febre. Não. Nós somos contra as deportações e nem mesmo criaturas repugnantes, como esse Xavier, desejáramos ver deportadas sem julgamento.

O que desejamos marcar, frisar bem é este contraste flagrante. Os que governam, os que executam a lei são o pior, o que de mais degradante existe na sociedade, e permitem-se o arrojo de exercer as mais infames violências sobre criaturas cujas responsabilidades não foram sequer pesadas na balança dessa vesga justiça que existe para aí.

## Miséria escarnecida

Noticiaram alguns jornais a chegada a Lisboa, a bordo do paquete brasileiro Rui Barbosa, na passada segunda-feira, de uma tribo de húngaros, em situação assás miserável.

São 38 pessoas, homens, mulheres e crianças que no Brasil foram vigaristas por um engajador que lhes prometeu bilhetes para Hamburgo, cobrando-lhes as respectivas importâncias, mas fornecendo-lhos só até Lisboa.

Essa gente, completamente desaurida, não tem merecido, quer do consul do seu país, quer das autoridades portuguesas a mais tenue sombra de comiserção.

No Governo Civil, um dos secretários do governador recebeu-os escarninhamente, rindo-se do alto da sua superioridade da miséria atrás dos impetrantes. O consul da Hungria—os srs. consules!—apresentou mil e uma evasivas e terminou por voltar costas àqueles desgraçados seus conterrâneos.

Só o agente duma companhia transatlântica italiana se sensibilizou, arranjando passagens aos 38 desprotegidos, com um desconto razoável. Persegue-os, porém a má sorte. Os seus andrajões, os seus rostos esqueléticos de famélicos denunciaram a sua penúria de modo que, quando embarcavam com destino à Itália, no vapor «Giuseppe Verdi» maldizendo, talvez, este país que blasona de hospitaleiro, o comandante do barco, coração empedernido, mais rígido do que as leis italianas, embargou-lhes o embarque, alegando que na pátria de Mussolini só pode desembarcar quem leve dinheiro.

E agora para aí ficam esses 38 desgraçados, andrajosos, sem alimento e sem lar, à mercê não sabemos—nem eles sabem—de quê.

No entanto o sr. governador civil continuará a azeitar-se com a fama de caritativo e promotor de festas onde a miséria é afrontada, e o conspícuo consul húngaro, talvez prepare para a colónia húngara, bem comida e bem vestida, com grande munificência, um chá dancing de caridade... sem ter a ensonbercei-lhe a fronte a visão desses homens, dessas mulheres e dessas crianças, que começaram por ser vigaristas no Brasil e terminaram por se verem achincalhados em Portugal—país que blasona de hospitaleiro.

Caridade... filantropia... que repugnância!

## A Guerra Civil na China

### As esperanças dos anti-bolxevistas

PEQUIM, 25.—Os generais anti-bolxevistas estão consolidando as suas posições aquém de Tien-Tsin, e avançam sobre Pequim por três lados.—(H.).

### Os projectos dos bolxevistas

PEQUIM, 25.—Os comandantes das tropas do general Feng, que retiraram sobre Pequim, estão reorganizando as suas forças dispostos a defender Pequim de cair na posse do marechal Tchang-Tso-Lin.—(L.).

## Comité Pró-Prêso

Reúne hoje, às 20 horas, sendo indispensável a comparencia de todos os componentes.

## Ler a revista gráfica RENOVACAO

## As investigações emperraram porque não há coragem para dizer a verdade toda. Mas nós dizemo-la!

O caso do Angola e Metrópole está na fase do empatia. As investigações marcam passo porque não podem ir mais longe. Não conhecemos o volumoso processo mas, pela maneira como o sr. Alves Ferreira se tem exprimido, quer pelas já saídas notas officiosas, quer por simples entrevistas ou pequenas informações aos jornais, ele deve ser uma deliciosa trapalhada. E' certamente essa trapalhada que traz atrapalhada a investigação...

Onde não há razão, há violência. Violência foi aquela interminável incomunicabilidade dos arguidos; violência é o que se está fazendo ainda a Alves dos Reis, espiondo-lhe, a pesar de levantada a incomunicabilidade, todos os gestos, escutando-lhe as conversas que mantém com as pessoas que o visitam. Violência foi a apreensão da correspondência ao dr. Cunha e Costa, advogado dum dos réus. Violência tem sido o vexame a que têm sido sujeitos a esposa de Alves dos Reis, como se a família dos presos tivesse culpa dos possíveis delitos por eles praticados.

Estas violências são tão significativas, vêm animadas de propósitos tão desonestos que nos obrigam a ser aparentemente solidários com os presos quando, afinal, nos limitamos simplesmente a levantar o nosso protesto contra uma injustiça sem olhar à qualidade dos atingidos. A injustiça é sempre injustiça, quer fira um inocente, quer fira um criminoso.

As investigações estão emperradas porque, se vão mais longe, comprometem a política, comprometem a finança, comprometem os próprios investigadores... que se comprometem a não descobrir a verdade inteira.

### A falência da campanha do «Século»

Bem se empenha o Século em apresentar como grandes burlões os homens do Angola e Metrópole. Não é, como temos acentuado, um intuito de moralidade, que anima aquele jornal. Tal atitude só lhe tem criado antipatias nos meios coloniais, onde toda a gente sabe que a campanha do chamado órgão das forças vivas, visa a defesa do Banco Ultramarino e de Alfredo da Silva. Quem privou de perto com Alves Reis e tem interesse em Angola diz, já sem temor de que lhe chamem burlão, que só o Angola e Metrópole poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia da ruína certa, da derrocada fatal.

O Banco Ultramarino, odiado pelo comércio, pela indústria e pela agricultura coloniais, porém, inutilizando com a sua campanha no Século o Angola e Metrópole, lançou novamente à garganta das colónias o nó corido, que se vai apertando até ao estrangulamento.

Eram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Eram! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e as indústrias bem desenvolvidas—essas notas que nenhum valor real tinham ficariam transformadas em riqueza positiva.

### Não têm coragem moral

Outro intuito inicial não havia na emissão secreta desses 300 mil contos de notas do tipo «Vasco da Gama», senão semear com elas riquezas novas. Por isso na combinação secreta tomaram parte inúmeras criaturas e elites cotadas na política, bem como os governadores do Banco de Portugal. Mas se estes, abusando miseravelmente da sua situação, não se dessem ao trabalho de explorar também a emissão secreta em seu proveito, talvez a província de Angola não estivesse agora a braços com a formidável crise económica e financeira que a assombra.

O que há de mais revoltante em tudo isto, é a falta de coragem moral desses políticos que, aterrizados com a descoberta das notas que afinal para um fim defensivo haviam mandado estampar, recossem de serem atingidos pela lama que o Século, em nome de interesses mais infames ainda do que essa emissão secreta, lançou sobre os directores do Angola e Metrópole, o mais revoltante é a falta de coragem destes políticos e dos governadores do Banco de Portugal em não confessarem publicamente, nobremente a verdade, gritando:

Sim, as notas eram ilegais, eram falsas, mas destinavam-se a salvar da ruína uma província, que nas garras do Ultramarino asfixiava na falta de fundos capazes de fomentá-la.

Mas sabem porque motivo faltou a coragem a esses homens? Sabem porque não confessaram a verdade? Porque então teriam de prestar contas detalhadas de todas as despesas do negócio, do emprego justo de tanto dinheiro, e descobrir-se-iam os negócios que eles, aproveitando-se das suas altas situações, realizaram com um dinheiro que, embora falso, deveria ter, se eles fossem honrados, estrita aplicação no fomento de Angola. Porque se descobrisse então que muitos cavalheiros bem colocados que apregoavam honestidade aos quatro ventos metiam ao Angola e Metrópole, depositário dessas notas, vales em seu benefício pessoal, como fez o Mota Gomes, vice-governador do Banco de Portugal.

### Pobres investigações...

As investigações estão emperradas. Alves Ferreira que ao tomar posse do seu lugar em vez de ir apurar os factos que surgissem, levava a intenção de moldar os factos às suas conveniências, ou melhor, às conveniências do António Maria, pai desses salafrairos, encontra-se presentemente desviado. A obra a que lançou mãos em vez de sair de ouro lúcido, como esperava sair-lhe de lama. Os factos são mais fortes do que a vontade humana. Saltam por cima de todas as conveniências, pulverizam as mais hábeis combinações, desconhecem os investigadores.

Havemos de ter muitas surpresas. E o julgamento, se não for uma tourada, será um rosário interminável de escândalos.

terço da tripulação, só os tribunais comuns poderiam demitir o conflito.

Para julgar-se esses 14 homens desdobrou-se o processo e 9 homens responderam pelo crime de rebelião e 5 por desobediência.

Depois não nos parece que o facto dum grupo de homens se dirigir ao comandante do «Sines», como neste caso, possa ser considerado um acto de rebelião, um acto, que mereça tão dura pena.

A epíloga do caso do «Sines» não temos, como disse o jornal da tarde que se fala no princípio desta notícia, um conflito em que estejam envolvidas as classes marítimas.

Temos, quanto muito, um conflito restrito às classes de fogueiros e oficiais da marinha mercante. E as suas proporções não são grandes: os oficiais da marinha mercante resolveram não trabalhar com qualquer dos homens que pertenciam à tripulação do «Sines» por, segundo dizem, os fogueiros resolverem não trabalhar com o capitão sr. Guidão Avelino.

Essa resolução foi já posta em prática e o capitão do «Pedro Gomes» recusou-se a seguir viagem com dois dos excomulgados do «Sines».

Felizmente as coisas estão bem encaminhadas e viverá muito pouco quem não assistir à liquidação deste incidente que a ninguém interessa: nem aos fogueiros nem aos oficiais de marinha mercante.

Ainda ontem se realizou uma conferência entre o capitão do «Pedro Gomes», um dos administradores da Companhia Nacional de Navegação e delegados da Federação de Indústrias dos Transportes Marítimos, tudo levando a crer que se liquida o caso, cuja fiel narração aí fica exarada.

### O julgamento dos assassinos de Matteotti

ROMA, 25.—Terminou o julgamento dos cinco acusados de implicados no assassinio do deputado socialista Matteotti.

Dumini foi condenado a cinco anos de prisão; Volpi e Poveromo condenados a idênticas penas; Malacria e Viola foram absolvidos.—(L.).

### Ler o Suplemento de A BATALHA

## A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

### Os indígenas são vexados, perseguidos e roubados

A Batalha de 11 de Fevereiro publicou um artigo condenando a portaria n.º 238 do Alto Comissário de Moçambique, que determinava: «Que a cobrança do imposto indígena e adicionais, ao sul do rio Save, relativos ao ano de 1926, seja feita em ouro metal, ou pela equivalência de cada libra metal em notas do Banco Emissor, à razão de 1 libra do B. N. U. mais 50500, ou em escudos à razão de 150500».

Demonstramos então que, por este processo, os indígenas eram lesados em cerca de 40500 por cada libra que o governo lhes mandava caçar em Ressano Garcia ou na Curadoria de Johannesburg.

O ministério das Colónias, alarmado com semelhante medida do Alto Comissário Azevedo Coutinho, telegrafou-lhe, dando este explicações no sentido de fazer ver que tinha emendado a mão quanto ao valor que passara a mandar entregar por cada libra esterlina.

Ficará, portanto, de pé a acusação primitiva. Simplesmente se recuara em Moçambique perante o alarme feito pelo jornal O Direito, de Lourenço Marques, reforçado pelas palavras de A Batalha.

Continuam, porém, os indígenas do sul do rio Save (os que emigram ou que livremente se entregam ao trabalho) a pagar, em ouro metal, o imposto de palhota e seus adicionais, quando, antes da portaria n.º 238, pagavam esse imposto em libras B. N. U., ou à média do câmbio fixado pela fazenda; e foi determinado isso—um agravamento de imposto—pelo Alto Comissário, sem previamente ter sido ouvido o Conselho Legislativo, único organismo com atribuição em tal sentido.

Succede, porém, que Azevedo Coutinho, reconhecida a impossibilidade de tal agravamento de imposto poder ser suportado pela maioria dos indígenas residentes ao sul do rio Save, pela portaria 251, de 30 de Janeiro findo, veio estabelecer excepções, como se em parte alguma do mundo, quando se trata de impostos, fosse aceite a doutrina de uns pagarem 10 e outros 20 por matéria absolutamente igual.

Ora a portaria 251, alterando o disposto na portaria 238, diz textualmente no seu artigo único: «Hei por conveniente determinar que os indígenas compelidos a trabalhos agrícolas e outros, ao sul do rio Save, seja apenas exigido o imposto indígena, no corrente ano, nos mesmos termos em que foi cobrado no ano de 1925».

Lê-se, e esfregam-se os olhos, na dúvida de se estar acordado ou sonhando.

Pelo que acima fica, vê-se que os indígenas que emigram e aqueles que livremente trabalham, pagam o imposto da palhota em ouro, isto é, à razão de 150500 por libra, enquanto os compelidos são apenas obrigados a pagar em libras do B. N. U. (equivalentes a 95500) ou em escudos ao câmbio fixado pela Fazenda.

do Correio da Manhã, havendo um sério conflito entre este conhecido monárquico e Alfredo Pimenta. Este último sofreu a agressão dum tintureiro que lhe fez mudar, mais uma vez, a cor da camisa...

Depois da desordem entre Costa Pinto e Alfredo Pimenta, o conflito agravou-se. Os pequenos da Acção Realista juraram vingá-lo. Era lá concebível obrigarem o Pimenta a espirrar... Impunha-se um desagravo. E esse desagravo não se fez esperar.

Ontem à noite um numeroso grupo de fedelhes da Acção Realista dirigiu-se em atitude belicosa ao Correio da Manhã. A rua da Barroca oferecia um aspecto interessante. Alguns dos circunstantes que assistiram ao caso e que residem há muito no Bairro Alto asseveraram-nos que nunca houve ali uma desordem tão desordenada, como esta dos garotos da Acção...

No grupo havia de tudo: grossos bengalês, bengalas de cavalo marinho, pistolas, etc., etc.

Postados às embocaduras das ruas alguns pequenos de mãos nos bolsos ameaçavam arrazar o edifício do Correio da Manhã.

Insinuava-se que os pequenos eram portadores de bombas... Dizia-se que os garotos pertenciam à «Legião Azul»...

Minutos depois ninguém se entendia. De todos os lados partiam gritos:

—Abaixo os monárquicos bonzós!

—Morra o Costa Pinto!

—Morra o Pimenta!

—Vá a casa... malandros...

E de tropel um grande grupo galgou as escadas do edifício do Correio da Manhã e invadiu a redacção deste jornal.

Que queriam os «legionários»? Insultar Costa Pinto! Desagravar Alfredo Pimenta! Nestes termos, um dos missionários profetizou a seguinte intimação que foi muito aplaudida pelos desordeiros:

—Se o sr. Costa Pinto não desagravar o sr. Alfredo Pimenta, nós voltaremos amanhã e vingaremos a afronta!

Depois o grupo desceu a escada e veio juntar-se ao grosso dos manifestantes.

Entretanto mais protestos:

—Morra o bandido!

De súbito surge uma força de polícia. Os protestos não afrouxam. E a polícia com a sua proverbial delicadeza varreu os manifestantes à sabrada...

Os pequenos que guardavam as embocaduras foram os primeiros a voar... No entanto, já longe rugiam:

—Se estivéssemos prevenidos não seria assim!... Mas a gente vai lá amanhã...

Caiu o pano. Vimos entrar no terceiro acto. Falaremos depois do desempenho...

### MALAS POSTAIS

Expedições de hoje: Pelo paquete «Avon» para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires e pelo paquete «Avoceta» para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a África Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental.

Da caixa geral as últimas tiragens da correspondência ordinária são respectivamente às 11 e 13 e para as registadas recebem-se até às 9 e 11 horas

O disparate é manifesto. O atropelo é flagrante. A diferença de tratamento é estúpida.

Para isto foi ao menos ouvido o Conselho Legislativo? Não foi.

De modo que, pelo arbitrio de Azevedo Coutinho, os indígenas do sul de Moçambique, vivendo lado a lado uns dos outros, com palhotas tocando-se, pagam impostos diferentes!

Já isto é muito grave; mas há ainda alguma coisa que prova a absoluta ausência de senso tanto da parte do Alto Comissário como das suas secretarias de finanças e interior, como vamos ver.

Hoje, Azevedo Coutinho, na portaria n.º 251, vem dizer que os indígenas compelidos ao trabalho, pagarão um imposto de palhota mais baixo, o que equivale a proclamar que ainda há escravos do trabalho.

Nos modernos tempos não é de admitir a fórmula «compelidos».

Compelidos quer dizer agarrados pela força, arrancados ao seio das famílias pela autoridade administrativa?

Vamos, sabe-se que ainda não há 4 meses nada menos de uma dúzia de répidos duma circunscrição vizinha de Lourenço Marques foram presos por não terem apresentado tantos indígenas compelidos como se desejavam, e que esses répidos se apresentaram na Repartição Indígena, a apresentar queixa contra a violência sofrida. Sabe-se mais que um chefe de posto do distrito de Moçambique formou os mais graves queixas contra um administrador (espantamentos, mortes, etc., etc.), e que Azevedo Coutinho acaba de louvar esse acusado, embora na Repartição Indígena tivessem passado provas esmagadoras contra ele.

Sabe-se ainda que há provas de violação de menores indígenas contra o administrador da circunscrição em que Ross fundamentou as suas mais graves acusações,—e que Azevedo Coutinho e o seu Bartolomeu Patilhas do Interior escandalosamente protegem esse administrador.

Que há, pois, a concluir?

Que Azevedo Coutinho além de estar tiranizando e arruinando, está esclafando a colónia que em má hora lhe entregaram para governar bem como as populações que o sofrem e que o abominam.

Ao chefe do governo foi enviado o seguinte telegrama de protesto contra as violências praticadas contra os grevistas de Lourenço Marques:

«Presidente do Ministério — Lisboa — Operários da Construção Civil de Oeiras, reunidos em sessão, protestam indignadamente contra a forma arbitrária como o governo da província de Moçambique procede para com os ferroviários de Lourenço Marques.—(a) Eduardo Martins».

### «A acção educativa do romance»

E' hoje, pelas 21 horas, que se realiza a anunciada conferência do sr. Cesar Porto sobre a «Acção educativa do romance», promovida pela Secção de Educação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Esta conferência realiza-se no Teatro Juvénia, rua das Escolas Gerais, 63, também com entrada pela travessa de Santa Helena, às Portas do Sol.

A entrada é pública.

## Contra o fascismo

### Vai realizar-se uma grande sessão em Setúbal

A cidade de Setúbal, de bem conhecidas tradições revolucionárias, vai colaborar no movimento de propaganda anti-fascista com tanto êxito iniciado em Lisboa.

A União dos Sindicatos daquela cidade promove na próxima terça-feira a primeira sessão preparatória de um comício anti-fascista a realizar brevemente.

Nessa sessão usará da palavra Mario Domingues e alguns delegados de Lisboa. Convidando o proletariado a assistir na sua máxima força a essa sessão, vai a União dos Sindicatos de Setúbal fazer distribuir um vibrante manifesto.

### Os ferroviários do Sul e Sueste: contra o fascismo

O Comité de Resistência Anti-fascista do Sul e Sueste fez distribuir pela classe ferroviária daquelas linhas um vibrante manifesto do qual recortamos os seguintes períodos:

«Contra o que se prepara por parte do fascismo, os ferroviários do Sul e Sueste têm se preparar para organizarem a resistência revolucionária nestas linhas. Desde a propaganda até às armas, para todos os ferroviários do Sul e Sueste se devem preparar. E' preciso que todos os elementos revolucionários contra o fascismo encontrem nos ferroviários uma viva simpatia. E' indispensável que qualquer movimento revolucionário contra as pretensões fascistas encontre no meio ferroviário do Sul e Sueste um franco e seguro apoio e que cada ferroviário seja um vigoroso colaborador desse movimento de reacção revolucionária.

Que o grito de revolta em toda a rede ferroviária do Sul e Sueste, tenha o significado de um estridente grito de guerra contra o fascismo.

Espera o Comité signatário, organizado com o fim de preparar a resistência revolucionária da classe ferroviária do Sul e Sueste contra o fascismo, que todos os ferroviários tenham compreendido a gravidade da situação e se preparem para agir no momento oportuno em que a sua acção seja indispensável.

Até lá propaganda, muita propaganda, contra o fascismo e tudo a postos para a primeira hora de acção».



## Uma fábrica de tecidos em Alcobaga transformada numa autêntica roça

ALCOBAÇA, 25.—Excedeu tudo o que esperávamos o interesse pela leitura do artigo publicado no nosso jornal, referente à fealdade exploratória de que tem sido vítima o operariado da fábrica de fiação e tecidos desta terra.

E em vista do operariado não ter ficado satisfeito com o pouco que dissemos, resolvemos ocupar-nos de mais pessoas que do Porto vieram encaixotados para a fábrica, pois que é crença geral que se des- unavam a algum jardim zoológico.

O «soba» Azevedo é um tirano dos mais odiados. As suas proezas não têm conto. Dá ao capricho a esta criatura obrigando os operários a trabalhar nos dias em que lhes são aplicadas as multas.

Há pouco tempo aplicou a um operário 15 dias de suspensão. O operário foi ter com o sr. Fernando de Sá, director da fábrica, pedindo-lhe que fosse trancada a penalidade.

Prometeu o sr. Sá ir junto do «soba» para que tal pena não prosseguisse. Passaram-se 2 dias sem que o atribuído operário fosse reintegrado no seu lugar.

Em vista disso foi novamente ter com o sr. Sá, manifestando-lhe o seu pesar pelo motivo do seu pedido não ter tido delecimento.

Ficou o sr. Sá muito surpreendido por não ter sido atendida a pretensão do operário, pois que já tinha falado com o sr. Azevedo, prometendo de novamente ir junto dele para que terminasse com tal penalidade.

Pois querem saber qual foi a resposta que o tirano Azevedo deu ao seu director? — Os 15 dias de suspensão ainda não terminaram. Só depois de cumpridos é que ele poderá começar a trabalhar, pois foram estas as ordens que recebi no Porto; portanto têm que ser cumpridas.

Surpreende-nos imenso que, sendo o sr. Sá um superior do tirano Azevedo, por não repelir a criatura fosse desautorizado.

Há dias um operário ofereceu ao Azevedo uns lombinhos de porco, e em sinal de agradecimento aplicou ao ofertante um dia de multa.

Mas que grande pandego nos saiu este sr. Candido que apregoa a todos os ventos que é bolchevista!

E o que nos faz ralar a moleira é termos a certeza de que o sr. Sá sabe perfeitamente que ele se manifesta... e não o castiga. Porquê?

O entendimento entre ambos, está bem de ver.

O sr. Fernando de Sá sente, e não escondido, o seu rancor ao órgão do proletariado *A Batalha*, motivo por que precisa dum homem sem escrúpulos e baixo de sentimentos para poder obter as informações sobre os operários que manifestam ideias avançadas.

Este sr. Candido é mestre de tintureiro, de engomador e de urdieiro, sem que conheça os trabalhos que dirige.

Não nos admira que o sr. Candido disfrute uma posição tão elevada, sendo, como é, um opressor de operários, com todos os requintes de malvadez, pois tem a protecção do mestre geral — um tal Américo Gonçalves.

## Os ferroviários franceses protestam vigorosamente contra as suas más condições económicas

METZ, 25.—No passado domingo, os ferroviários da Alsácia-Lorena tentaram uma manifestação de protesto nas ruas desta cidade. O prefeito havia proibido a manifestação, mas os ferroviários reuniram-se em três cafés. Aí saíram dum café, os manifestantes quiseram formar um cortejo, intervindo uma força de cavalaria que fez barragens nas ruas dos bairros vizinhos onde se encontravam os referidos cafés. Os manifestantes dispersos, aluíram depois para umas casas em construção, onde se refugiaram e lançaram pedras sobre a tropa, ferindo dois soldados. Numerosos ferroviários foram presos.

BOULOGNE-SUR-MER, 25.—Os ferroviários desta cidade e arredores efectuaram há dias uma reunião de protesto contra os novos impostos e carestia da vida. Numerosos ferroviários de Boulogne, Lille, Hazebrouck e Calais desfilarão através das ruas, tendo-se detido num jardim público e improvisado um comício de protesto. A manifestação dispersou-se em boa ordem, não tendo havido o menor incidente.

LILLE, 25.—Um numeroso grupo de ferroviários manifestaram-se no domingo último em Valenciennes, reclamando aumento de salários. Em seguida, percorreram as principais ruas da cidade, indo uma comissão à sub-prefeitura apresentar as reclamações. Não houve incidentes.—H.

## Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma colecção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de *A Batalha*. Aquele camarada fixou o preço de 1500.

Alguns camaradas que desejam adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

## TIVOLI

UMA REVISTA MUNDIAL  
UM DOCUMENTÁRIO DE ARTE  
DUAS CINE-FARÇAS

MARY PICKFORD  
A mais célebre das estrelas americanas numa das suas melhores produções

O PEQUENO LORD  
Neste filme a notável «star» desempenha dois papéis, sendo um em travestimento

O Pequeno Lord começa a exhibir-se às 21 horas e 40 minutos

## Na Penitenciária de Coimbra

### Uma lenda que os próprios arrematantes se encarregam de destruir

Em «O Despertar», de Coimbra, de 30 de Janeiro, p. p., publicaram os arrematantes das oficinas de mobiliário da Penitenciária de Coimbra, uma carta, em resposta a dois artigos publicados no mesmo jornal, pelo distinto artista sr. António Augusto Gonçalves, nos quais este senhor provava a exploração, de que lhe constava serem vítimas os presos daquela cadeia, «sem pretender conspurcar a alvura virginal da consciência dos felizes arrematantes do suor escravizado, à sombra dos grossos muros da Bastilha».

Nessa carta, em que os arrematantes nos acusam de «os apontarmos ao odio das multidões «arrepia» alega-se que as oficinas de funileiro, alfaiate, carpinteiro, maleiro, escoveiro, sapateiro, encadernação, tipografia, etc., têm sido sucessivamente abandonadas em curto espaço de tempo pelos arrematantes, o que desfaz a lenda dos empresários gananciosos, etc. Ora entendam-nos: Na visita que fizemos à Penitenciária, vimos todas as oficinas apontadas pelos arrematantes, à excepção das de alfaiate, encadernação e tipografia, que não nos foram mostradas, em plena laboração. Logo, elas funcionam por conta de alguém e a sua produção não era muito pouca. De alguém, que é «aluga» a baixo preço dos trabalhos forçados.

A oficina de encadernação tinha um mestre (já dissemos como ele foi demitido). E' claro que, consoante cá fora o procedimento havido para com ele, que não havia muita vontade de ir para lá. E permitam-nos os srs. Miranda & C. uma pergunta: Se o director em vez de tantas «cancelas» dedicadas e constantes» para arranjar arrematantes, dividisse os presos por todas as oficinas sem protecção, não seria um princípio de solução?

Afirmam os arrematantes que mesmo com os salários reduzidos (\$50, \$100 e \$150) os presos dão prejuízo ao Estado na exploração directa. Esta afirmação só com sentido especulativo pode ser feita. Metese na cabeça de alguém que um recluso por muito pouco que faça, não produza trabalho no valor de \$50? Ora os srs. Miranda Ltd. Os desgraçados presos é que pagam o que os tubarões levam!

Dizem ainda os mesmos senhores, que pagam aos presos além dos salários legais, gratificações mensais, em média de mais do dobro de sua importância. Mas ficam-se aqui; não dizem a quanto montam essas importâncias. Dizem-no porém, nós: tudo somado, dá quando muito, 4500 por dia. E não constitui média. Há ainda para os mais habilitados um prémio «incomparavelmente» superior. Sim senhores, há para dois ou três que auferem uma incomparável 5 a 6 escudos por dia. E aqui cabe outra pergunta: Se os presos são incorrigivelmente maquiagem, se os senhores perdem tanto dinheiro, como podem dar esses incomparáveis salários? E ainda com a agravante dos presos utilizarem muita obra e partem (sic) ferramenta. Cientes estamos contudo que, a pesar de tanto dinheiro que os presos ganham, a qualquer d'elles sucederá facto idêntico ao relatado pelo sr. António Gonçalves, segundo o qual um recluso depois de alguns anos de trabalho assíduo, ao terminar a sentença, foi-lhe entregue a fortuna de onze escudos, tendo de seguir, por falta de recursos, a pé, para a terra natal em Trás-os-Montes. Edificante e conclusivo! Ainda na tal carta pretendem aqueles senhores demonstrar que as oficinas da Penitenciária não afectam por forma alguma a indústria particular, que é afectada, sim, mas pelo mobiliário do Porto, que fica em Coimbra mais barato que só a mão de obra dos presos. Depois do que atrás fica exposto, este argumento desaparece pela sua infundabilidade. Só quem nunca soube o que é trabalho, pode engulir tal coisa. De resto, se assim não é, porque não acederam ao convite do sr. António Gonçalves na sua carta posterior, para que publicassem as tabelas das retribuições? Porque não acederam ao convite dos operários, para numa sessão pública, sujeita a contradita, demonstrarem que a produção das oficinas da Penitenciária não afectava a indústria particular?

Fogos fatuos! como diz o sr. A. G. E' então só com o mobiliário do Porto que os senhores abriam uma loja na rua do Quebra Costas? Que alugaram um 1.º andar para armazenar na mesma rua n.º 33? Este armazém é o tal a que os senhores negam existência. Mas nós vimos-lo. E sabemos que têm andado a retirar da lá obra de noite. Que foram oferecer 600\$00 de renda ao senhorio pelos andares de cima, quando os actuais inquilinos pagam 150\$00. Que ofereceram a incomparável quantia de 3.000\$00 aos restantes inquilinos para saírem. Que é o capitalista José Paulo, que também é sócio da firma, quem tem tentado a tratar desta trama? Que vendo que nada têm conseguido pretendem fazer sair os inquilinos judicialmente. Falta um armazém para a conta dos 3 que os operários afirmaram existir, e que os senhores negaram. Quem visitar a Penitenciária, lá encontra o 3.º armazém. E' uma vasta sala atulhada de móveis. Pode não ser um armazém e ser muito inocentemente uma arrecadação...

Por tudo isto se prova que o trabalho dos presos dá para bastante. O trabalho feito nas oficinas da Penitenciária afecta fatalmente a indústria particular, atenta a enorme diferença da mão de obra, isenção de impostos, etc. Isto é claro como as águas do Mondego. E ainda resta ver se é verdadeira a informação que nos acaba de chegar, segundo a qual os arrematantes têm, não sabemos ao abrigo de que disposição, um desconto de 10% nas arrematações de madeiras das matas do Estado.

Manuel NUNES

Coliseu dos Recreios  
ULTIMOS DIAS  
DA  
Grande Companhia de Circo

As maiores atrações mundiais  
MAIORES DESENSAÇÃO  
O espectáculo melhor, mais variado e mais barato

AMANHÃ — FESTA DOS APLAUDIDOS E NOTÁVEIS «CLOWNS»  
Rico e Alex

Marcam-se bilhetes  
Segunda-feira — Festa artística do «regisseur»  
FRANÇOIS FRANÇA

5.ª e 6.ª feira santal  
VIDA DE CRISTO

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

HOJE HOJE

Protagonista: **No Teatro do Ginásio**  
A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros

Palmira Bastos

Em papéis de destaque: **Banca à glória**  
Gil Ferreira e H. Albuquerque

Original de ALFREDO SAVOIR, tradução de JOSÉ SARMENTO

Scenários de Luiz e Almeida — Maquagem de L. Barros — Montagens de S. D. S.

## CONFERÊNCIAS

### «A actual situação do jornalismo em Espanha»

Na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa realizou ontem o nosso preado camarada Ferreira de Castro, a sua conferência sobre «A actual situação do jornalismo em Espanha».

A conferência foi largamente concorrida não só por jornalistas, como por numerosos elementos da colónia espanhola, vendendo-se entre a assistência muitas senhas.

Ferreira de Castro principiou em referir-se à falta de especialização que existe no jornalismo português e ao lamentar isto por um confronto a nossa situação com a da Espanha, onde os jornalistas, na sua maioria, já se especializam. «As clínicas gerais só podem ter a função de distribuir serviços, tal como essas agências que existem nos jornais...» Evoca os grandes articulistas e ensaístas do país vizinho, Grend Montagne, Ramiro de Maetzu, Gomes Basso, Camillo, Fernandez Florez, Azorin, Cunha, Peres d'Ayla, Zozia, Belo, Gasset, etc., e narra, depois, como são feitos os jornais espanhóis. Salienta o sentido cultural que caracteriza o jornalismo no país vizinho, demonstrando a influência que esta orientação exerce no espírito do povo, levando-o assim a interessar-se pelos grandes problemas mentais e por todas as manifestações artísticas. «Esta tendência tão caracterizadamente intelectual do jornalismo para o estudo cultural, é hoje mais forte em Espanha do que em qualquer outro país da Europa».

Fala depois do regime de colaborações, que lá se torna útil aos trabalhadores da imprensa, ao contrário do que sucede entre nós, e a propósito narra alguns episódios ocorridos entre ele e os seus amigos de Espanha.

Sempre confrontando a situação dos nossos jornalistas com a dos espanhóis, Ferreira de Castro fala da importância do jornalismo sul-americano e do seu prestígio em Espanha, onde são disputadas as colaborações daqueles jornais.

Refere-se à consideração que a população merece os trabalhadores da imprensa no país vizinho e à sua Associação, que está neste momento a construir uma sede monumental, para o que realizou um grande empréstimo público.

Revela em seguida vários detalhes técnicos do profissionalismo em Espanha afirmando que a entrevista, que entre nós ainda é muito usual, lá passou de moda, entrevistando-se hoje apenas as personalidades de incontestável valor.

Ferreira de Castro termina por referir-se à situação do jornalismo espanhol sob a censura militar e defende, em nome da mentalidade contemporânea, a liberdade de pensamento.

«Nisso, apenas nisso, os nossos camaradas de Espanha estão piores do que nós — do que nós que estamos muito mais».

Ao terminar, Ferreira de Castro propoz que a Direcção do Sindicato enviase um telegrama de saudação à sua congénere de Madrid, transmitindo-lhe as homenagens dos jornalistas portugueses aos seus confrades espanhóis. Esse voto foi aprovado por aclamação aplaudindo a assistência de pé e demoradamente a ideia do distinto conferenciante que participou também dos calorosos aplausos.

A próxima conferência realiza-se na quinta-feira, 1 de Abril, sendo orador o nosso preado colega Augusto Pinto, secretário geral do Sindicato que tendo regressado de Genebra falará sobre «O Jornalismo e a Sociedade das Nações».

## «A higiene e os holores»

A conferência que o sr. Dr. Júlio Eduardo dos Santos hoje devia efectuar no Sindicato Metalúrgico sob o tema *A higiene e os holores* ficou adiada para a próxima quinta-feira, 1 de Abril.

## OS QUE MORREM

D. Maria de Jesus

Faleceu ontem de manhã, a sr.ª D. Maria de Jesus, esposa do maquinista da Companhia Estoril e mãe do também maquinista da C. P. Silvano dos Santos, de José dos Santos, electricista e das sr.ªs D. Clotilde Simões, Josefa Floret, e Declina de Jesus, saindo o seu funeral hoje, pelas 15.30 horas, da rua Maria Pia, 90, 1.º, para o cemitério da Ajuda, sendo o acompanhamento a pé.

## Teatro Maria Vitória

HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

Teatro Maria Vitória  
HOJE — SEXTA-FEIRA  
EM DUAS SESSÕES  
às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA  
DA ACTRIZ LUIRA COSTA  
que parte para o Brasil no dia 30, nos dois espectáculos representará-se-lhe a popularíssima e já célebre revista

FOOT-BALL  
na qual toma parte, obsequiosamente, a actriz LUIRA MIRANDA  
NÚMEROS POR  
7 LAURA COSTA 7

Segunda-feira — Festa de LINA DEMOEL

## «A Batalha» na provincia e arredores

### Portimão

#### A vida trágica dos pescadores

PORTIMÃO, 24.—Tem nos últimos dias assolado toda a costa do Algarve um violentíssimo temporal. Mas, como a crise tem sido grande em todas as indústrias, derivado à grande falta de peixe, e a fome se faz sentir em todos os lares, não têm os pobres pescadores, outro remédio senão irem arrostar com os violentíssimos vendavais, expondo as suas vidas para ganharem o negro pão para si e suas famílias.

Há dias, saíram para o mar vários cercos americanos, entre eles, dois pertencentes às sociedades de marítimos, que ultimamente se constituíram.

O tempo, na noite de 21 para 22, carregou ameaçadoramente, tendo os cercos que se encontravam no mar, dirigido à barra para entrar no praia-mar.

Ao entrar na barra debaixo de um violento temporal, o cerco denominado o «Gavito», pertencente à sociedade de pescadores «Vila Nova, Lda.», trazendo a reboque dois botes e uma canoa, o mar que rugia ameaçador, em pouco tempo trouxe os dois botes, fazendo virar a canoa, arremessando as ondas os seus infelizes tripulantes.

Estes, que são: Manuel António Vicente, de 35 anos, casado, (arrais); Damas da Encarnação Oliveira, de 41 anos, casado; e João Correia, de 27 anos, casado, foram salvos a muito custo pelo salva-vidas, que se encontrava desde manhã, no local do sinistro. Aproximadamente o esforço que o patrão do salva-vidas, sr. Alexandre Santana, assim como o de toda a tripulação do salva-vidas, que desta vez foram incansáveis no salvamento dos 3 naufragos, deixando assim abaixo o que acerca do salva-vidas se dizia. Oxalá que em casos semelhantes possamos dizer sempre o mesmo. Diz-nos o patrão do salva-vidas, que se muitas vezes, em dias de vendaval na barra, na mesma não se encontra o salva-vidas, a culpa não é sua, mas sim da falta de gente para tripular o barco. São os cercos obrigados a terem um homem no salva-vidas, mas a maioria dos mestres negam-se a tal obrigação, pois havendo em Portimão 16 cercos americanos, só 8 homens existem no salva-vidas, sendo necessário para o tripular 12 homens para remos, e 1 para as boias, afora o mestre. Em face do que nos foi dito, daqui chamamos a atenção dos mestres, armadores e capitania, para a vida dos pobres marítimos, não pode andar à mercê do acaso.

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de São José, recolheu ontem, António Jerónimo, de 42 anos, carreiro, natural e residente no Monte de Caparica, e que há cerca de 12 dias, numa desordem naquela localidade, foi agredido com uma forquilha, ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, faleceu ontem, Manuel António Leiria, de 52 anos, trabalhador, natural e residente em Quatrim do Norte (Olhão), e que, como noticiámos, foi agredido a tiro no dia 15 último, no lugar de Marim.

Na enfermaria de S. Francisco do Hospital de São José, deu entrada Joaquim José Folgoa, de 14 anos, pastor, natural e residente em Torre de Calheiros (Evora), que caiu de uma égua na Herdade de Vale de Sobrado, próximo de Arraiolos, ficando muito ferido no rosto.

No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e recolheu a casa, João Pires Ferreira, de 40 anos, natural de Lisboa, residente na rua da Verónica, 7, 2.º, espingardeiro na Fábrica de Material de Guerra, o qual quando, na respectiva oficina, examinava uma pistola, esta disparou-se indo o projectil atingi-lo na mão esquerda.

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado, recolhendo depois à enfermaria de St. Onofre, do Hospital de São José, José Marques da Silva, de 11 anos, filho de Manuel da Silva e de Gertrudes da Silva, residente na Calçada de St. Estevam, 17, 1.º, esquerdo, que, na rua Augusta foi atropelado pelo automóvel S 9254, ficando com uma perna fracturada.

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Augusto Torres, de 52 anos, natural de Sacavem, empregado no comércio e residente na rua Francisco Teodoro, 3, que foi atropelado por um automóvel, na rua do Ouro, ficando com várias contusões pelo corpo.

Vinda do Governo Civil, deu entrada na enfermaria n.º 3 do Hospital Estefânia, a reclusa Maria Preciosa, de 18 anos, servicial, natural da Guarda, e residente na rua do Amparo, 4, 4.º, que adoeceu subitamente.

## Silves

### Um guarda republicano, agressor e ladrão

SILVES, 23.—Deu-se, há dias, nesta cidade, um caso revoltante: um corneiro da G. N. R., em estado de embriaguez, deu-se para andar provocando toda a gente e praticar vários gestos indignos. Agrediu, sem a menor razão, sem ao menos ter havido uma troca de palavras, um pobre homem incapaz de fazer mal a alguém. O agredido ficou com vários ferimentos na cabeça. Poucos minutos depois aproximou-se doutro indivíduo, declarando, por embriaguez, que lhe tinha armas proibidas. O interpelado prestou-se a ser apalrado, a fim de demonstrar a falsidade da acusação.

A acusação era falsa, visto que o embriagado corneiro da G. N. R. só lhe encontrou uma carteira com três escudos. A pesar disso o corneiro tapou do sabre e agrediu-o com violência. O agredido teve de fugir para evitar que a agressão fosse mais prolongada. Quanto à carteira nunca mais a viu... Trata-se dum roubo e se foi se de três escudos é porque a carteira não tinha mais. Provavelmente, o corneiro vai ser promovido por ser bêbado, desordeiro e ladrão.

## Sines

### Fiscais que não cumprem o seu dever

SINES, 25.—Chegou ao nosso conhecimento de que uma importante apreensão de fardos de cortiça acaba de ter lugar no Barreiro, cortiça esta pertencente ao sr. Carlos Estevão, com fábrica em Grândola.

Não é a apreensão que nos espanta, pois que sabemos que a portaria que proíbe a exportação de bocados de certo tamanho não é cumprida em regra e tem sido sempre sofismada e menos cumprida por parte alguns fiscais que desejam estar sempre nas boas graças dos patrões.

O que é revoltante no meio de tudo isto, é a maneira habilidosa com se pretende abafar a razão ou a falcatrua em que são eximios os seus autores.

Consta-nos que alguém, interessado no caso, veio junto do fiscal do governo para que este assinasse um documento que prove que aquela cortiça estava fiscalizada, o que é redundante falso, porque tal fiscalização não se deu.

Porém, o dito empregado do governo não teve relutância em aceder ao tal pedido fazendo mais com que o fiscal operário assinasse também o dito documento.

Chegado que foi este facto ao conhecimento do presidente da direcção do Sindicato Corticeiro, foi aquele procurado e interrogado sobre o assunto, respondendo-lhe o imbecil fiscal que já tinha assinado.

Agora cumpre-nos perguntar aos senhores fiscais onde está o cumprimento da lei? E' assim que se faz o serviço?

E' para isto que o governo paga a dois fiscais sendo um nomeado pela classe? Então isto prova que estes manipulações estão ao serviço dos patrões, ou em defesa dos interesses da classe corticeira de que faz parte um?

E' Federação Corticeira cumpre averiguar do alcance desta patifaria, a fim-de que as coisas sejam postas no seu verdadeiro campo.

E' preciso que esta recomende aos sindicatos o máximo escrupulo na escolha destes fiscais que têm o dever de defender a sua classe, assim como vigiar a maneira sensata ou ardilosa com o governo encaminha as questões para que se não deem factos como os que aqui apontamos.

Se o fiscal do governo não tem carácter e independência para ocupar o seu lugar a F. C. que apele para a sua substituição por quem saiba cumprir a lei com imparcialidade. Não basta ser fiscal; é preciso sabel-o ser.

Aqui fica o aviso aos dignos fiscais do Barreiro para que recorram pedindo justiça tanto para eles, por darem cumprimento à lei, como para os vendidos sabujos daqui, dando-lhe o que merecem.

## A'manhã

Primeira representação do drama de Charles Méré

## Dança da Meia Noite

Tradução de José Sarmento

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### O 1.º concerto Gui em São Carlos









## Relações internacionais

Tese a apresentar ao II Congresso das Juventudes Sindicalistas pela comissão organizadora

### I — O internacionalismo

O patriotismo repousa sobre princípios absurdos. A pátria — delimitação artificial de quilómetros de terra — é a ampliação do princípio egoístico da propriedade, e da sua existência só podem lucrar os que governam ou exploram os povos. — De tal modo o princípio anti-solidário da pátria é absurdo, que o internacionalismo se desenvolve, progride e tende a derrubar fronteiras. Os sábios, os técnicos, os literatos, apesar do seu apego à tradição, do seu reconhecimento conservadorismo — raros, mas brilhantes — são as excepções — conservam-se hoje ligados internacionalmente e são frequentes os seus congressos internacionais. E os que mais alimentam o fogo sagrado da cegueira patriótica, os capitalistas, são os que mais impudentemente praticam o internacionalismo explorador. Ford, americano, montou uma fábrica de automóveis na Irlanda e Hugo Stinnes fechou, na Áustria, uma fábrica que ali fez abrir para manter as suas posições em face da concorrência.

Onde, porém, mais se tem trabalhado no sentido dum efectiva ligação sobre as fronteiras, é entre os trabalhadores. São suficientemente conhecidos esses esforços para, neste rápido trabalho, os detalhes, bastando-nos citar a velha Associação Internacional dos Trabalhadores para evocarmos um dos mais levantados esforços pró internacionalismo.

Viejo a guerra. Desacreditaram-se instituições, surgiram novas. E todas sofrem desse mal: umas do seu descrédito, outras da sua recente fundação. A agravar este estado de coisas, estas têm um começo agitado, cortado de discussões, de desmoronamentos sucessivos que nos fazem imaginar que o mundo procura o seu caminho entre graves hesitações.

Urge que tracemos, com segurança, a nossa rota. Das nossas hesitações, do nosso desmantelamento nacional e internacional só lucram os nossos inimigos. Vamos, pois, organizar os nossos quadros e confiemos na vitória dos mais inteligentes e energéticos!

As juventudes surgiram em França. O seu desenvolvimento, em todo o mundo, tem sido desesperadamente lento, sobretudo devido à impiedosa perseguição governamental. Mas, esta perseguição tem-lhe acarretado um prestígio e uma divulgação que lhe asseguram, definitivamente, a vida. E as J. S. alastram: Na Alemanha, na França, na Argentina, na Itália, na China, e, ainda há pouco, na Espanha, elas desenvolvem intensa propaganda, editam jornais, espalham folhetos e lançam-se na acção revolucionária, constituindo a vanguarda do sindicalismo, que parecia caminhar para a petrificação.

Tendo uma existência, de facto, nacionalmente, as J. S., que, internacionalmente, se ligavam em espírito e por rara correspondência, viram-se no caminho das realizações internacionais, graças ao secretariado provisório dos Sindicalistas Revolucionários, que, na ordem dos trabalhos do congresso constituinte da A. I. T., incluiu o problema das relações juvenis internacionais. — Esse número não foi discutido. Entretanto, os delegados juvenis franceses e os alemães discutiram entre si o grave problema e, não atingindo um acordo, resolveram publicar os relatórios juvenis presentes ao supra-citado Congresso e, da sua análise, extrair as conclusões necessárias. Também no 2.º Congresso da A. I. T., foi tratada a existência das J. S.

A ideia está, pois, em marcha. Todas as centrais juvenis encaram o problema. As juventudes portuguesas, cujo desenvolvimento lhes garante uma apreciável actividade, vão, neste Congresso, marcar o seu critério e iniciar os trabalhos para uma Internacional.

Adiante, detalharemos os nossos pontos de vista.

Os vários problemas, cuja solução depende da Internacional

A eclosão do «fascismo» é segundo Roberto Bouzon a consequência da desacumulação do capital; o mal, quanto a nós, o desencadear do fascismo provém da decadência do Estado, que se exorta na pretensão de administrar todos os actos da vida pública, sendo, afinal, incapaz de manter o bom funcionamento da sua engrenagem interna.

As lutas sociais, por um lado, a omnipotência do capital em face da decadência estadual por outro, tornam possível a organização da violência pelas classes conservadoras, tornam mesmo necessária essa organização para o prolongamento da actual sociedade e são, ao mesmo tempo, uma justificação e um estímulo para a organização metódica da violência dos atingidos pelo fascismo.

Nas lutas sindicais, o Estado é, pela sua constituição, coagido a tomar uma atitude neutra; e, embora essa atitude assumida quase sempre, um carácter de parcialidade em favor do patronato, essa parcialidade só é possível pela venalidade da imprensa capitalista e pela educação do povo indiferente — o peso morto — que desculpam e justificam a acção estadual. O capitalismo não encontra no seu vassallo, o Estado, o aliado destemido para lhe defender os privilégios ameaçados. Daí resulta um enervamento no patronato; irritado pela impotência estadual em face dos conflitos, que finalmente, o próprio Estado descejará ver soluções com vantagens para aquele.

Dado o poder do ouro, que hoje domina em todos os campos, inclusive na consciência humana, não admitem os capitalistas nem as vitórias operárias, nem o alastramento da ideia revolucionária, que, por alheamento dos fenómenos sociológicos, eles atribuem tão somente à propaganda sindicalista. E, para obviar ao inconveniente que resulta da maior ou menor neutralidade estadual, cuja constituição inclui a liberdade de pensar e de reunir.

O capital, que é a força aparente das sociedades modernas, a base de arca móvel do edifício social, organiza-se em quadras, pratica a violência e nega os mais elementares princípios de liberdade. O Estado mantém-se neutro ante o conflito. A breve trecho, as quadras avoassam-se do

Estado; o seu programa entra em imediata execução. E os vencedores declaram, como Mussolini, que a liberdade é um estorvo para o bom funcionamento das sociedades e que sobre o cadáver da deusa liberdade devem passar as quadrilhas. Esmaga-se o proletariado sob odiosa opressão; todas as suas conquistas são eliminadas, todo o progresso retardado.

Reconhece-se facilmente que esta vitória é de provisório efeito. Mas, a sua duração acarreta entretanto dolorosos prejuízos para o proletariado e semeia de vítimas o caminho da emancipação.

O fascismo vitorioso alastra. Na Itália a sua vitória vai ao ponto de começar resmagando os seus aliados, a pequena burguesia. Na Baviera, a sua existência é um facto, mas a sua eclosão mais difícil graças à lição que a Itália fornece ao proletariado. Na França, registam-se atentados: começa-se pelo óleo de ricino.

A Lebo, presidente da Associação dos Industriais e Comerciantes franceses, um homem, que se não declara realista nem desconfia da importância das suas palavras, disse num banquete: «Pode-se esperar que chegue a aligeirar a França desta espécie de carcassa em que ela sufoca e que acaba por lhe custar muito cara, não somente em despesas directas, mas por causa das perdas de tempo e de dinheiro que ela impõe aos justicados e aos contribuintes? Não o creio. E se não se decide um dia efectuar em França uma operação análoga à que a Itália acaba de fazer pedindo a um «comité» de salvação pública que suprima tudo o que nos estorva, nós não nos desembaraçaremos já mais».

«Não quer isto dizer que eu aspire à ditadura: de modo algum. Creio somente que essas operações cirúrgicas devem ser feitas por gente decidida a jogar a sua pele, mas em virtude dum mandato regular, como se acaba de passar na Itália, onde o Senado e a Câmara, invocando a sua impotência, preferiram entregar-se a alguns cidadãos devotados ao cuidado de fazerem o que eles reconhecem não ter coragem de fazer».

Isto é: André Lebón proclama abertamente que deve terminar a colaboração com o Estado, a representação nos seus organismos, e varrê-lo brutalmente para instalar no seu lugar a ditadura burguesa desembarrada da máscara democrática.

(Continua)

## Contra a extradição de Paulo da Silva

A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos, correspondendo ao apelo justo e humano feito pelo comité do Socorro Vermelho, resolveu enviar ao ministro da Justiça da França, reclamando para que não permita a extradição do camarada Paulo da Silva, homisado naquele país e ultimamente ali preso a pedido das autoridades portuguesas.

— Também a Associação dos Encadernadores e Anexos, em assembleia geral ultimamente realizada, apreciando a tentativa de extradição de Paulo da Silva, aprovou a seguinte moção de protesto:

«Considerando que o arbitrio faz lei em Portugal, e por esta razão se persegue homens, cujo delito máximo é pensarem de maneira diferente dos governantes; que, pelo facto atrás apontado, pretende a polícia portuguesa fazer extradição de Paulo da Silva, militante dos Maritimos; que, o seu homisio em França deve ser considerado como produto da perseguição que lhe é movida em Portugal, por delito de ideias, e por este motivo abrangido à margem do direito de asilo, que em França se concede aos indivíduos nesta situação, a assembleia geral dos Operários Encadernadores e Anexos, reunida em 24 de Março de 1926, resolve:

1.º protestar junto do sr. ministro de França, contra a extradição de Paulo da Silva, enviando-lhe um telegrama neste sentido.

2.º Enviar juntamente, ao dito senhor cópia da presente moção, bem como enviá-la à redacção dos principais jornais de Lisboa para conhecimento geral do proletariado;

3.º Comunicar esta resolução à F. L. J. no sentido de que a mesma promova, o mais breve possível, uma sessão de protesto, de todas as classes gráficas.»

— A Secção de Calçadas do Sindicato do Pessoal do Município de Lisboa, depois de apreciar a ameaça que impende sobre Paulo da Silva, aprovou a seguinte moção:

«Considerando que o camarada Paulo da Silva, militante operário português, refugiado na França, pelas perseguições da polícia portuguesa, não pode nem deve ser considerado como criminoso comum, à face dos códigos e convenções internacionais, tendo por consequência direito ao asilo que todos os refugiados políticos gozam nos países verdadeiramente democráticos; que o governo francês, a pedido das autoridades portuguesas, parece estar no propósito de fazer a sua extradição;

A Secção de Calçadas do Sindicato do Pessoal do Município de Lisboa, reunida em assembleia geral, resolve levantar o seu mais veemente protesto contra tão flagrante atentado ao direito das gentes e levar esta resolução ao conhecimento do ministro da França em Lisboa».

## Um prémio para o herói!

Há cerca de 15 dias, quando tranquilamente passava pela rua do Alecrim, o marítimo Artur dos Santos foi abordado por um polícia da segurança pública que lhe perguntou para onde se dirigia. O interpeado respondeu, mas parece que de forma a não satisfazer o civico, porque acto continuo era agredido barbaramente, e conduzido para a esquadra da travessa das Mercês como suspeito «ilegítimo». Na referida esquadra o chefe declarou ao Artur dos Santos:

—Você, como já tem a sua conta, pode-se ir embora!

E o agredido retirou-se para ir receber curativo ao hospital de uma grave fratura num braço e de um ferimento na boca. Comentários, que os faça o leitor.

### DEPLORAVEL INCONSCIENCIA

## Numa fábrica do Porto os operários sujeitam-se, sem um protesto, a toda a espécie de vexames e afrontas

PORTO, 24.—Temos, de longe a longe, feito ligeiras referências à conduta profissional, económica e social seguida na acridadíssima fábrica de fiação e tecidos «A Portuense».

Uns dados que nos acabam de trazer, e que revelam bem o estado ignominioso a que está sujeito o pessoal masculino e feminino daquela fabril «casa de correção», levam-nos a aumentar o croniqueto sudário que hemos escrito, por doses, sobre a cidade fabril.

Não deixamos, contudo, de lamentar o tristíssimo facto de não haver nenhum progresso moral e social dentro de tais estabelecimentos fabris—por culpa da espicada usura patronal e do pouco cuidado educativo, instrutivo e organizativo das próprias vitimas...

Princípios, porém, com a mais crua singeleza.

Os operários e as operárias da fábrica de fiação e tecidos «A Portuense» comiam, em tempos, num jardim daquela casa industrial: dos passeios que o ladeiam, faziam umas «cómodas» mesas de refeição.

Isto, salvas provas hipocríticas em contrário, nada prejudicava a Companhia textil: nem na sua autoridade omnipotente, nem nas suas condições monetárias.

Como, porém, um belo dia a direcção julgasse que o pessoal deve adubar a sua frugalíssima refeição com o pó das ruas levantado pelo rodar de toda a sorte de veículos, ela clinicamente ordenou que, antes de dois minutos do meio dia, os aludidos passeios fossem abundantemente regados — obrigando, assim, o pessoal a vir comer pela via pública e a mais depressa completar os funestos resultados adquiridos com a exploração do trabalho: a desenvolver a tuberculose com a ingerência da poeira escarçada pelos transeuntes...

O vexame, a afronta, o desprêzo, ainda não enchiam a medida das baixezas impostas pela direcção. Era preciso mais...

Ultimamente aconteceu sair fora das condições desejadas uma peça de pano da Ramalhães — uma máquina que tem por alta missão multiplicativa fazer dar quarenta e uma de ser carimbadas no princípio e no fim, se não cai Troia. Ora como aquela supramencionada peça não trouxe numa das pontas o tal carimbo exigido, foi o suficiente para que se publicasse um «akase» tendente a obrigar o pessoal a uma rigorosa revista — revista que não surtiu qualquer resultado demonstrativo de haver roubo, fugidiaamente parecido com os usados por mais «mutilismo»...

Para essa revista ser mais «mutilismo»... e mais aviltante, chegou-se ao desdém de se deslizar as panelas de agulharia — chamadas caldo — que os operários e operárias costumam levar para a fábrica a fim de aquecer nas caldeiras o triste projecto de sopa...

Nem que dentro daqueles vasos de fôrça, cheios de água com coque e mal cozidas, fosse possível sequer meter-se uma massaroca «esbarbada»...

As mulheres protestaram contra semelhante abuso e ele terminou. Mas já não tiveram a mesma energia, a mesma dignidade, para evitar esta humilhante, revoltante, substituição daquele abuso: obrigando-as as mulheres, em grupos de dez, a irem, sucessivamente, para um quarto especial — para que elas desçam à degradação de serem postas nuas da cintura para cima, não vá às vezes, entre os seios descaídos pela miséria, levarem ocultos quaisquer nojentos desperdícios...

Ao forçarem as mulheres a uma tão baixa condição humana, verifica-se, então, que algumas... nem camisa trazem...

Como nos indigna saber que há elementos femininos que se prestam a ser umas tão repugnantes revisteadoras... Como nos enerva saber que há criaturas humanas que permitem, covardemente, uma tal patifaria...

Até nas sentinas, nuas de portas, há uma revistadeira encarregada de apalpar toda a mulher que tenha a necessidade de ir expelir aquelas matérias excrementicias com que muito tirano, num esforço praticamente Cambrónico, precisava de ser mimoseado nas faces...

Por via de regra, os homens também são revistados. Três operários — que mesquinhez de carácter! — fazem aquela operação. Outros dois observam-nos, para que a revista seja bem feita e os revistadores, combinadamente, não deixem passar qualquer coisa... Chegou-se a mandar tirar os chapins, não fosse na fita de carneira encobrir-se qualquer peça de pano...

Estes vexames, que o pessoal não tem coragem de os repelir — que covardia! — são hoje mais frequentemente executados e mais correctamente avivados desde que foi elevado a mestre geral um tal Francisco, a quem baptisaram de «Barrote». Todos os patifes têm sobriquete. Esse mesmo Barrote fôra mestre da fiação. Por qualquer motivo que não chegámos a apurar, foi despedido pela direcção e substituído imediatamente. Pois essa direcção, passada uma ou duas semanas, teve por bem fazê-lo mestre geral — porque entendeu que não podia dispensar um tão fidelíssimo carrasco, cumpridor dos seus instintos de fera à solta...

E esses instintos continuaram a ter largas, enquanto o pessoal da fábrica fiação e tecidos «A Portuense» continuava na sua postura pusillanime, de revoltante castração...

C. V. S.

## AS GREVES

### NO ESTRANGEIRO

#### Metalúrgicos franceses

SAINT-QUENTIN, 25.—Parece estar em via de solução a greve dos metalúrgicos, tendo retomado o trabalho cerca de trezentos operários. Está em greve pouco mais dum milhar de operários, mas funciona a maior parte das fábricas. Todavia, têm fracassado todas as tentativas de conciliação feitas pelo juiz de paz. (H.)

### PROPAGANDA SINDICAL

#### Em Cabeção

CABEÇÃO, 24.—Realizou-se uma sessão de propaganda sindical na Associação dos Rurais desta localidade. Presidiu Manuel Almeida de Carvalho, secretariado por José Aurelio e José Fernandes Catroucho.

O presidente expõe os fins da reunião e diz que é preciso agir com energia no momento em que a reacção se prepara para implantar em Portugal o fascismo. A seguir é dada a palavra a José Pedro Veredas, que num rápido discurso faz sentir a todos os assistentes a necessidade dum forte organização, para fazermos frente aos ataques que a burguesia, directa ou indirectamente, dirige às classes trabalhadoras.

Pedro Alexandre saúda os trabalhadores rurais desta localidade e incita os presentes a prepararem-se para resistir a todas as investidas da reacção.

Manuel Almeida de Carvalho pronuncia um interessante discurso de propaganda sindicalista, terminando por incitar todos os presentes a abandonar a taberna e a igreja, esses dois antros de corrupção e embrutecimento.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, por entre vivas à C. G. T. e à A. Batalha.

#### Em Oeiras

Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical na sede do sindicato operário desta terra.

Presidiu Eugénio Costa, secretariado por Eduardo Martins e Eugénio Serra.

Falou em primeiro lugar Manuel de Sousa, delegado de Parede, que expôs as demarches das associações do conselho de Cascais sobre a crise de trabalho e convidou os operários a ingressarem nos sindicatos para assim poderem reagir e forçar os patrões e mestres a abrir trabalhos.

A seguir usou da palavra Daniel Francisco, delegado da Federação da Construção Civil, que lamentou que haja camaradas que leiam os jornais burgueses e abandonem a leitura de A. Batalha o verdadeiro órgão dos trabalhadores, e atacou largamente os que pretendem que os trabalhadores permaneçam na ignorância. Chegou a hora dos trabalhadores tomarem conta da produção porque o reinado da burguesia já tem os seus dias contados.

Manuel dos Santos falou como delegado da Associação dos Mestres e Aparelhadores das obras do Estado referindo-se às crises de trabalho no estrangeiro, principalmente na Inglaterra, e à acção que os governos empregam para debelar esse terrível mal. Se os operários da indústria se encontram em crise é porque querem. Tem pericorrido diversas localidades e citou um caso que se passou no Porto onde havia 3 mil operários sem trabalho e dessem, só estavam inscritos 600 no sindicato e só 100 é que compareceram a uma reunião que bastante os interessaria...

Eduardo Martins, em nome do Sindicato de Oeiras, lê a circular n.º 55 do Comité Central sobre os grevistas de Lourenço Marques, sendo aprovado por proposta sua o envio de um telegrama de protesto ao presidente do Ministério.

Por último falou o delegado de Linda-a-Pastora Henriques Pais da Costa que veio confirmar que a crise alastra por toda a parte. Em seguida encerrou-se a sessão aos vivas à A. Batalha e à C. G. T. E' justo mencionarmos que esta sessão foi bastante concorrida.

## As Associações Mutualistas e o aumento de cotas

### AVISO MUITO IMPORTANTE

Uma comissão de sócios das Associações de Socorros Mútuos «Monte-Pio Aliança», «Nova Aliança», «Aliança Universal» e «Onze de Dezembro» convida todos os seus sócios a comparecerem hoje, pelas 20 h 12 horas, na Sede Social, rua da Cruz dos Poiais, 33, a fim de assistirem à assembleia geral e impedirem um novo aumento de cota que se pretende levar a efeito.

Pede-se para que ninguém falte, pois sendo a cota destas Associações uma das mais elevadas, não há razão para tal aumento, a não ser na péssima administração desde 1920 a esta parte, e que as levou a deverem actualmente, só em medicamentos, a bonita soma de 300 contos aproximadamente!!!

Pela Comissão,

(a) A. Ferreira.

Francisco Pereira Fernandes Viana

### AGRADECIMENTO

Sptima Tudeia Viana, Cel. ste Tudeia Viana, Beatriz Viana de Sousa Pereira e seu marido, agradecem por este meio a todas as colectividades, camaradas e pessoas amigas do seu pai e sogro que o acompanharam à sua ultima morada.

## CRISE DE TRABALHO

### Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Reúnem amanhã os operários sem trabalho e licenciados das Obras do Estado. Os delegados das comissões deram conta dos seus trabalhos junto do director e administrador dos Edifícios Públicos.

A pesar de os delegados terem trabalhado bastante para a reabertura das obras dos monumentos Nacionais, ainda não foi possível conseguir resolver tal assunto. As comissões procuraram ontem alguns chefes de secções para ver se conseguem a entrada de alguns operários nas obras.

Não havendo mais assuntos a tratar suspendeu-se a sessão para reabrir hoje, às 10 horas.

## Secção Telegráfica Federações

### MOBILIARIA

Sindicato de Coimbra.—Seguem os jornais e officio.  
Sindicato de Faro.—Segue officio.

## VIDA SINDICAL

### C. G. T.

Pelas 15 horas a comissão revisora de contas de A. Batalha, ultimamente nomeada para início de trabalhos.

### Camara Sindical do Trabalho DE LISBOA

### Comissão de Agitação Anti-Fascista

Reúne hoje, às 21 horas.

A Comissão Instaladora tendo em vista a necessidade da boa regularização dos serviços internos, convida os delegados que tenham em seu poder cópias de actas do conselho, a entregá-las à comissão instaladora o mais breve possível.

### COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Reúniu ante-ontem a assembleia geral, aprovando por unanimidade o relatório moral e financeiro da comissão de melhoramentos pró-sege; nomeou a comissão revisora de contas para o 1.º trimestre, respectivamente os camaradas Alvaro da Silva, Carlos Aranha e Constantino Paixão, resolvendo que a fiscalização do horário do trabalho fosse feita por 10 fiscais, sendo nomeados quatro que faltaram, recaiando a nomeação nos camaradas Guilherme Mesquita, Carlos Neto Aranha, Constantino Paixão e José Ramos.

Apreciada a melhor forma de reabrir a escola, segundo as condições expostas pela Universidade Nacional de Instrução e Educação, foi resolvido fazer todos os esforços para a sua breve reabertura, nomeando a comissão escolar, que ficou composta pelos camaradas Julio de Carvalho e António Pedro, devendo os restantes delegados ser nomeados pelas secções Metalúrgica e Manufatureiros de Calçado, sendo a cota de cada indivíduo que frequente a escola de 5300 mensais.

Secção dos Carpinteiros.—Reúniu assembleia geral, aprovando o parecer da comissão revisora de contas e reconsiderando nas resoluções tomadas na assembleia de 9 de Outubro, sobre a admissão de carpinteiros nas obras do Novo Manicócio de Lisboa a cargo do conselho técnico do Sindicato Unico.

Compositores Tipográficos.—Reúniu a direcção, tendo dado despacho a vários expedientes e aprovado novos socios. Em virtude das razões apresentadas pelo secretário arquista foi este substituído pelo secretário correspondente, passando aquele para vogal.

S. U. Mobiliário.—Reúniu ontem a assembleia geral. Aprovada a acta, leu-se o expediente ante o qual figuravam: uma circular da C. S. T. que ficou para ser apreciada na próxima assembleia; outra da C. G. T. sobre a cotização para menores e mulheres, resolvendo-se responder que este sindicato não se opõe a que se estabeleça uma cota menor para menores e mulheres, mas não fará uso dessa concessão; um officio dos cesteiros de Gonçalo pedindo para chamar a atenção dos cesteiros de Lisboa para o movimento que aquele sindicato iniciou contra a crise de trabalho e trabalho nas prisões; resolvido convocar a especialidade dos cesteiros a fim de os interessar naquelas questões. Um officio de José Camarinha pedindo a demissão de sindicato visto passar a situação de industrial; foi-lhe concedida. Apreciou-se a situação de empreiteiro de polidor sendo ratificada a eliminação resolvida pela comissão administrativa. Apreciado o funcionamento das várias comissões resolveram-se completá-las a fim de intensificar os trabalhos encetados pelo sindicato. Tomaram-se ainda várias resoluções sobre o comité da sede as quais serão presentes à próxima assembleia.

Operários Alfaiates.—A direcção na sua reunião efectuada ontem, apreciou e fez baixar à comissão de propaganda, um officio da C. G. T. que trata do movimento antifascista, apreciou também as circulares 55 e 56 da C. G. T. resolvendo, quanto à primeira, solidarizar-se com todos os protestos contra a iniqua situação em que se encontram os ferroviários de Lourenço Marques, aguardando que a acção compatível com a psicologia deste sindicato, a exercer em prol das victimas do Alto Commissário de Moçambique, se verifique quando os ferroviários do país, por intermédio da respectiva Federação, tenham também uma acção mais energica, e quanto à outra circular ela baixará a uma próxima assembleia. Resolveu avisar os componentes da direcção que têm faltado às reuniões, a fim de não protelarem os trabalhos com as suas constantes faltas e convocar a uma reunião junto com esta direcção, a realizar na próxima segunda-feira, as comissões do Congresso da Indústria do Vestuário e de Propaganda.

Encadernadores e anexos.—Reúniu a assembleia geral que aprovou o relatório do delegado aos Congressos Gráfico e Confederal bem como o relatório e contas da gerência de 1926 que são os seguintes camaradas: Secretário geral, Eugénio de Sousa; secretários adjuntos, Porfirio Correia e Joaquim Bento Henriques; secretário arquista, Artur Ferreira; tesoureiro, Alfredo Nogueira; delegados à C. S. T., José Matos dos Santos, Eugénio Sousa e Joaquim Bento Henriques; delegados à F. L. J., S. U. Eugénio Inácio e Delfim Pinheiro. Foram ventilados vários assuntos de carácter interno sendo também aprovada a seguinte moção:

«Atendendo a que se espalhou pelo movimento operário que os camaradas encadernadores que trabalham na officina sindical dos compositores tipográficos não eram sindicalizados; e atendendo ainda à necessidade de rectificar semelhante atoarda, por mentirosa e proveniente de mal entendidos a assembleia geral dos Encadernadores e anexos reunida em 24 de Março de 1926 resolve: 1.º Tornar publico que a situação sindical dos ditos camaradas é absolutamente normal, não tendo axistido o motivo que deu origem à questão; 2.º Comunicar ao Sindicato dos Compositores Tipográficos esta resolução.

Funcionários Municipais.—A direcção e comissão de melhoramentos reuniu ontem, a fim de apreciar as reclamações apresentadas pelos seus agremiados, referentes à organização de 1923, continuando a permanecer na sede um membro da direcção ou da comissão de melhoramentos todos os dias úteis, das 20 às 22 horas, a fim de atender todas as reclamações.

Federação Metalúrgica.—Em reunião ordinária, a comissão administrativa abriu um officio da Federação Metalúrgica de Berlim e tomou conhecimento da organização do Sindicato Metalúrgico de Crestuma cuja comissão administrativa é constituída pelos camaradas Martinho da Rocha e Sousa, secretário geral; Manuel Moreira Tavares, secretário adjunto; Vitorino Guedes Barbosa, secretário administrativo; João da Silva Cunha, arquista; Manuel Francisco, tesoureiro; Joaquim Pinto Coelho e José da Silva, vogais; delegados à Camara Sindical do Porto, Martinho da Rocha e Sousa, João da Silva Cunha e Vitorino Guedes Barbosa.

A Federação regosija-se com a constituição do novo organismo seu aderente e congratulando-se com a acção desenvolvida pelo comité metalúrgico do Norte, no sentido de levantar o nosso baluarte e pela tenaz defesa que tem feito da unidade sindical metalúrgica na área que lhe é própria resolveu prestar-lhe todo o apoio e solidariedade. Por último a comissão lamentou o facto de não ter podido ser publicada em A. Batalha a ultima nota officiosa da Federação.

### CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE: S. U. da Construção Civil.—Secção dos Serventes.—Pelas 21 horas, a assembleia geral, para resolver um assunto de inadiável resolução. Só poderão tomar parte nesta reunião os associados em dia, para o que é indispensável a apresentação da caderneta confederal.

Conselho de Secções.—Pelas 20 horas, o Conselho de delegados para tratar um assunto muito importante, sendo indispensável a comparencia dos delegados da Secção Sindical de Belém juntamente com os delegados da comissão administrativa da referida secção.

Comissão Escolar.—Para resolver sobre a realização das festas da semana da criança, pelas 21 horas, juntamente com as comissões escolares das secções de Palma e Alto do Pina.

Descarregadores de Mar e Terra.—Pelas 20 horas, a assembleia geral, para assuntos de grande interesse.

Manufatureiros de Calçado.—Secção do Alto do Pina.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa juntamente com um delegado da Comissão Mista de Propaganda e outro do Sindicato.

S. U. Metalúrgico.—Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, juntamente com dois delegados da Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical.

### DIAS PROXIMOS

S. U. Metalúrgico.—Para assunto de alta importância reunem-se na próxima segunda-feira, pelas 20.30 horas, os militantes e simpatizantes da classe.

### JUVENDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Em reunião da Comissão Executiva foi lido o expediente de vários organismos referentes à circular enviada por esta Secção juvenil, que são os seguintes: S. U. Metalúrgico de Lisboa, 20500; F. P. dos T. do Livro e do Jornal 5800; Liga A. Gráfica de Santarém 5800; S. dos E. no C. Industrial de Lisboa, 6800; Associação de Classe dos O. Confeitores Chocoleiros e Anexos de Lisboa, 10800; F. N. dos T. dos Caminhos de Ferro, Lisboa, 5800; C. Geral do Trabalho, 10800.

Reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, para tratar de assuntos de grande interesse.

### FESTAS ASSOCIATIVAS

## Sindicato da Construção Civil do Seixal

A festa que, promovida por este Sindicato, se devia realizar no próximo sábado 27 do corrente, fica adiada para data que oportunamente se fará anunciar.

## Grande festa a favor das familias dos operários presos

E' amanhã que se realiza no Ajuda-Club a grande festa a favor das familias dos presos e que constará do seguinte:

Conferência pelo jornalista Mario Domingues.—A emocionante peça da maior actualidade «Os gatinhos da luva branca», pelo aplaudido Grupo Dramático Solidariedade Operária, de que fazem parte os apreciados amadores: